

A ARGUMENTAÇÃO EM SITE DE REDE SOCIAL: O FACEBOOK COMO SUPORTE PARA DEBATES¹

Emmanuella Farias de Almeida Barros (UFPE)

emmanuellabarros@gmail.com

Benedito Gomes Bezerra (UPE)

beneditobezerra@gmail.com

RESUMO:

Esta pesquisa teve como foco analisar textos argumentativos que se encontravam no *Facebook*. Assim, a base teórica concentrou-se, principalmente, nas propostas de Adam (2011). Selecionamos o corpus utilizando textos de diferentes usuários que deveriam conter uma lógica na organização textual e mostrar ênfase nos aspectos argumentativos. Concluímos que o *Facebook* é um espaço de múltiplas construções argumentativas.

PALAVRAS-CHAVE: Argumentação; Facebook.

ABSTRACT:

This research had as its focus to analyze argumentative texts written in Facebook. The theoretical basis was mainly focused on the proposals of Adam (2011). We select the corpus using texts of different users that should contain a logic in the textual organization and show emphasis on the argumentative aspects. We conclude that Facebook is a space of multiple argumentative constructions.

KEYWORDS: Argumentation; Facebook.

¹Parte deste trabalho é fruto de uma dissertação de mestrado defendida no Programa de Pós-graduação em Letras pela UFPE.

0. Introdução

Há muito vem sendo sinalizado que as novas tecnologias vêm provocando mudanças na sociedade, seja na forma como as pessoas se comunicam, nos espaços de ensino e fora deles ou, mais especificamente, em suas práticas escrita. De acordo com o site de notícias G1, o governo de Hosni Mubarak foi derrubado em 2011 com fortes manifestações e mobilizações sociais em sites de relacionamentos. Isso evidencia que a revolução digital está correlacionada com as práticas de escrita utilizadas na rede, pois a escrita não é despreziosa e alcança dimensões cada vez maiores.

Nesse sentido, o *Facebook* não é apenas um site de redes sociais que possibilita a interação, divulgação de fotos e outros serviços com o objetivo de estreitar os laços entre os usuários. No Brasil, estudiosos como Marcon (2012); Bona *et al* (2013); Brescia (2013) mostram formas de trabalhar com o *Facebook* na sala de aula, como ferramenta de ensino e aprendizagem.

Já este trabalho, vem destacar o outro lado desse site, como um espaço destinado ao debate de ideias, à propagação de movimentos, ao apoio a causas sociais. Mostra, assim, não só novas maneiras de articulação escrita, mas um novo perfil de usuários, que vêm se preocupando cada vez mais com a apresentação de ideias não apenas com a exposição pessoal na *Web*. Nesse cenário, o *Facebook* alarga as possibilidades comunicativas, interativas e sociais. A fluidez encontrada na internet faz com que os argumentos cheguem à esfera pública em grande velocidade, estimulando cada vez mais pessoas à participação social e crítica.

Para Dahlgren (2005), o que hoje percebemos com o advento da internet é uma forma de participação cidadã, uma maneira de atuação pública que consiste na mobilização e no ativismo *online*. Ou seja, a esfera pública é constituída em diferentes espaços e a internet vem se reafirmando no espaço de mobilização social e política.

Portanto, a internet tornou-se um espaço para a discussão política e atuação cidadã. Neste trabalho, procuramos demonstrar como a internet, especialmente por meio do *Facebook*, vem sendo utilizada como instrumento de comunicação e persuasão em favor dos interesses de todos.

O ciberespaço também se tornou alvo de manifestações que, veladas ou não, incitavam o debate, a discussão e a formação de opiniões. A relevância deste estudo está então no reconhecimento de uma nova forma de participação social que mostra a argumentação como modo de divulgar e promover ideias, como uma forma de reunião das ações coletivas, promovendo o engajamento cidadão.

Para o desenvolvimento do estudo, selecionamos os dados no espaço chamado *Feed de notícias*, lugar onde as atualizações de amigos do usuário ficam visíveis. Desse

modo, a primeira observação dos textos a serem selecionados se encontrava nesse espaço, e só depois que percebíamos a forte presença argumentativa no *post* é que selecionávamos o texto como um dado possível para compor a coleta de dados.

Selecionamos o *corpus* deste estudo utilizando textos de diferentes usuários que possuíam algum tipo de participação nesse site e que constavam como “amigos” da primeira autora. Os textos foram coletados baseados nos seguintes critérios: deveriam conter uma lógica na organização textual (começo, meio e fim) e mostrar uma ênfase nos aspectos argumentativos. Desta forma, escolhemos os textos que foram utilizados para a análise das estruturas argumentativas, conforme a proposta de Adam (2011).

Para finalizar, realizamos uma análise de todo o nosso *corpus*, observando os principais conectores argumentativos utilizados e, para ilustrar melhor, construímos gráficos a fim de que pudesse ser percebida, numericamente, cada categoria de conectores utilizados pelos autores na produção de seus textos. Nesse aspecto, é importante mencionar que utilizamos todos os textos coletados para chegar aos dados quantitativos e não apenas o que estará exemplificado no decorrer do trabalho. Portanto, contamos com um total de 75 textos para a elaboração dos referidos gráficos. Contudo, é importante mencionar também que enfatizaremos neste artigo os conectivos com valor de justificação e explicação, pois durante o processo de análise e coleta dos dados esse foi o dado que mais teve variedade entre os usuários. E para atender aos limites de espaço disponíveis para este trabalho apresentaremos apenas um texto de um usuário, analisando-o de acordo com a proposta da sequência argumentativa de Adam (2011).

1. Facebook: algumas considerações sobre o cenário do estudo

O *Facebook* foi criado em 2004 por um grupo de estudantes de Harvard e possuía, a princípio, um serviço limitado que se expandiu depois para as universidades próximas ao ciclo de convivência dos alunos e, desde então, devido a sua grande popularidade, hoje o *Facebook* atinge dimensões mundiais.

Na atualidade, o *Facebook* conta com ferramentas que possibilitam aos usuários compartilhar, publicar fotos, vídeos, imagens, textos, “curtir” o que se compartilha e se posta, seguir pessoas, “curtir” páginas de celebridades, filmes, e séries para acompanhá-los etc. Além disso, e por ser um site de redes sociais, conta com um perfil que mostra as principais informações dos usuários, desde que estes não o definam como privado, para os amigos. Por outro lado, oferece uma funcionalidade de bate-papo que possibilita a troca de informações instantâneas entre os usuários.

Assim, um espaço virtual com dimensões tão amplas é visto de forma limitada quando se levantam hipóteses que o definem como “site de relacionamentos”, “site social”,

ou “uma plataforma”, porque essas descrições, embora pertinentes, acabam não sendo suficientes para abarcar as múltiplas possibilidades disponíveis nesse meio.

Baseado nisso, este estudo se apoia no que diz Recuero (2009) quando a autora argumenta que os sites são apenas suportes e que as redes sociais só se constituem, de fato, pela interação estabelecida entre os navegadores. Afirma a pesquisadora que

embora os sites de redes sociais atuem como suporte para as interações que constituirão as redes sociais, eles não são, por si, redes sociais. Eles podem apresentá-las, auxiliar a percebê-las, mas é importante salientar que são, em si, apenas sistemas. São os atores sociais, que utilizam essas redes, que constituem essas redes. [...] Sites de redes sociais propriamente ditos são aqueles que compreendem a categoria dos sistemas focados em expor e publicar as redes sociais dos atores. São sites cujo foco principal está na exposição pública das redes conectadas aos atores, ou seja, cuja finalidade está relacionada à publicização dessas redes. É o caso do *Orkut*, do *Facebook*, do *LinkedIn* e vários outros. (RECUERO, 2009, p. 102).

Fica claro, nas palavras da autora, que o *Facebook* é apenas um suporte que facilita o relacionamento entre as pessoas conectadas. *Orkut*, *My Space*, *Facebook* e tantos outros apontados, frequentemente, como redes sociais são apenas sites. As redes se constituem entre as pessoas que se relacionam via internet.

A partir da exposição inicial do que representa o *Facebook*, apontamos como o ponto de destaque neste trabalho o seu uso na propagação de textos e argumentação em torno de ideias. O *Facebook*, portanto, se caracteriza como um espaço destinado à escrita que é cada vez mais utilizado pelos usuários como um canal para a conscientização de um tema.

As discussões giram em torno dos mais diversos assuntos, como um debate político, ou a crítica social, geralmente envolvendo temas polêmicos que despertam a atenção dos outros “facebookianos” e os quais, pela liberdade que possuem, acabam criando textos ricos em argumentação, interpretações e manifestações.

2. As contribuições dos estudos argumentativos de Jean-Michel Adam

Para Adam (2011), a análise textual se concentra na articulação entre linguística textual e análise do discurso, e seus estudos baseiam-se, principalmente, na linguagem enquanto ação, comunicação, interação. O autor foge ao máximo da gramática de texto e postula uma pragmática textual ligada à análise discursiva como indispensáveis na investigação das unidades textuais. Nesse sentido, o autor considera que “toda a ação de linguagem inscreve-se, como se vê, em um dado setor do espaço social, que deve ser pensado como uma formação sociodiscursiva”. (ADAM, 2011, p. 63).

Depois desse posicionamento inicial sobre a concepção e funcionamento das práticas languageiras, destacamos a questão das sequências textuais, proposta por Adam (2011, p. 206), que mais uma vez defende a junção entre o caráter textual e discursivo.

A teoria das sequências foi elaborada como reação à excessiva generalidade de tipologias do texto. (Egon Werlich, 1975) Ao descrever formas elementares de textualização denominadas narrativas, descritivas, argumentativas, explicativas ou dialogais, minhas propostas inscrevem-se no prolongamento linguístico da teoria psicocognitiva dos esquemas.

Ou seja, para o autor, as unidades textuais são divididas em proposições, períodos, planos de textos e sequências, sendo essas últimas diferentes do que se considera tipo de texto. Assim, narrar, descrever, argumentar e explicar, enquanto ações verbais realizadas pela linguagem transformam-se em gêneros na articulação com os discursos. Isto é, essas quatro ações languageiras são denominadas de macroações sociodiscursivas e têm como principal função a seleção e reforço de uma asserção.

Adicionalmente, como este estudo lida sobretudo com as questões argumentativas, encontramos na análise de Catelão (2010, p. 02), ao observar textos argumentativos sob a ótica sociodiscursiva, contribuições para entender como se situa e se constitui essa ação verbal:

A argumentação é, segundo Adam, uma operação extremamente utilizada no discurso, podendo assim ser confundida ou até mesmo relacionada a outras sequências. Entretanto, a sequência argumentativa é um tipo de estrutura que apresenta determinadas particularidades prototípicas que a diferenciam de sequências como a narrativa e a explicativa. Tais aspectos fazem do texto argumentativo base para artigos de jornal, revistas, discursos políticos e publicitários, meios de comunicação em que se pretende vender ou transmitir uma ideia.

Isto é, a argumentação em Adam encontra um espaço dialógico e o fato de argumentar leva sempre a uma contra-argumentação que propicia troca de informações, negociação e a reestruturação de novas ideias diante do que foi discutido. Assim, essa relação que se estabelece entre os participantes do discurso é relevante, especialmente quando se observa a argumentação como parte constituinte de toda forma discursiva.

Especificando ainda mais a discussão sobre a sequência argumentativa de Adam, cabe esclarecer que esse tipo de sequência representa o encadeamento de dois movimentos para o progresso da argumentação. O primeiro é caracterizado pela apresentação e/ou a justificação de algum fato, em que se verifica se há uma contestação

ou não a partir da tese inicial, e o segundo movimento se realiza por meio das inferências ocorridas e das conclusões extraídas com os fatos apresentados.

Desse modo, a sequência argumentativa prototípica acompanha os movimentos dados à escrita pela argumentação. Contudo, vale ressaltar que o esquema serve apenas como um indicador analítico, já que a ordem estabelecida por cada autor é única no momento da produção e, portanto, ocorre certa flexibilidade na ordem esquemática apresentada a seguir.

Esquema 01 – Sequência argumentativa de Adam



Fonte: ADAM (2011, p. 234).

Ainda segundo o esquema proposto, o teórico postula que a estratégia argumentativa compreende dois níveis. No nível justificativo, o autor apresenta vários argumentos e depois finaliza com sua opinião concluindo o assunto. Já no nível dialógico, como o próprio nome sugere, há um contra-argumentador, real ou não, que vai mediar a escrita argumentativa.

Então, a partir do esquema proposto por Adam (2011, p. 234; 235), encontramos a seguinte construção argumentativa: o nível justificativo compreende os argumentos (P.arg 1 + P.arg 2 + P.arg3). “em que a estratégia argumentativa é dominada pelos conhecimentos colocados”. Já o segundo nível, denominado dialógico ou contra-argumentativo, é composto por (P.arg 0 e P.arg 4), e “a argumentação é negociada com um contra-argumentador real ou potencial.”

2.1. Conectores argumentativos

Além da sequência argumentativa, o autor destaca em seus estudos os conectores argumentativos e como eles desempenham funções de marcar um posicionamento do sujeito e também de demarcar a linha de pensamento em contextos enunciativos. Para

tanto, Adam (2011, p. 190; 191) destaca quatro classes de conectores apresentadas a seguir:

- a) **Conectores argumentativos marcadores do argumento:** porque, já [uma vez que] que, pois, com efeito, como, mesmo, aliás, por sinal etc.
- b) **Conectores argumentativos marcadores de conclusão:** portanto, então, em consequência etc.
- c) **Conectores contra-argumentativos marcadores de um argumento forte:** mas, porém, contudo, entretanto, no entanto etc.
- d) **Conectores contra-argumentativos marcadores de um argumento fraco:** certamente, embora, apesar de que, ainda que etc.

Ou seja, esses conectores estabelecem uma articulação necessária entre a posição enunciativa e a sua responsabilidade, de maneira que dependendo do conector utilizado é possível reforçar ou sustentar uma inferência presente no texto.

Dessa maneira, o autor fala do movimento entre os conectores tendo em vista um conjunto de normas. Assim, um conector além de demonstrar um ponto de vista e um posicionamento, realça as relações entre os locutores e interlocutores.

Ainda falando dos conectores, Adam (2010) expande seus estudos ao apresentar a estrutura argumentativa da demonstração, que segundo ele, se divide em duas partes: A primeira “é uma espécie de narração-testemunho, enquanto a outra é uma confirmação da argumentação desenvolvida” (ADAM, 2010, p. 119).

Nesse sentido, para Adam (2010, p. 119; 120), os marcadores que indicam a narração-testemunho são articulados em torno de: **por conseguinte, porque, se... é**. Esses três marcadores se associam a uma relação de sentido entre os argumentos, uma relação de consequência para apresentar os fatos.

Já a segunda parte é composta de conectores como; **é por isso que, aliás**, que são elementos para concluir e finalizar os argumentos apresentados. Para o autor, **porque** é um conector explicativo, enquanto **aliás** é um conector que deve ser usado para esclarecer, interpretar o que foi dito em outro momento (ADAM, 2010, p. 124).

O que nós precisamos entender com isso é a grande importância que têm os elementos conectivos na construção de uma argumentação. É possível perceber que esses elementos não estão no texto apenas para introduzir, apresentar ou concluir um argumento, eles estão ali por uma intenção e na obra de Adam ganham amplo destaque.

Todos esses elementos conectivos não se restringem a um marcador textual, eles são essenciais no discurso e funcionam como uma ponte de ligação entre o locutor, seu interlocutor e os efeitos de sentido pretendidos no ato da argumentação. Os conectores argumentativos realçam uma intenção e é também por meio deles que a análise deve ser desenvolvida.

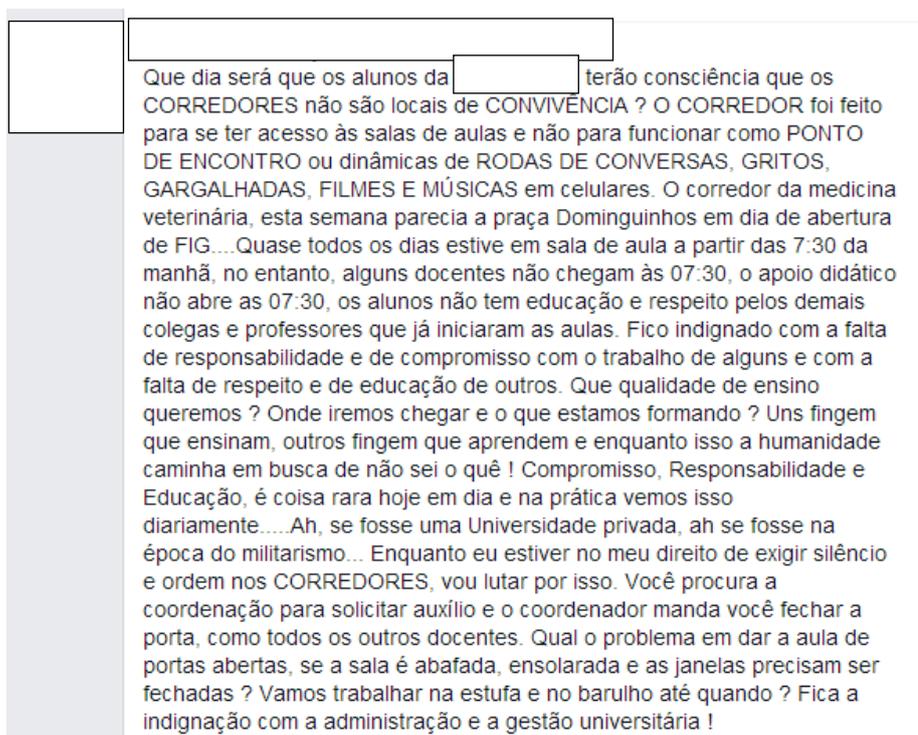
No tópico seguinte, apresentaremos um texto de um usuário retirado do site de redes sociais *Facebook* mostrando como o *post* se enquadra na sequência argumentativa proposta por Adam (2011).

3. Análise dos dados

Como afirmamos antes, a sequência argumentativa compreende dois níveis e Adam (2011) procurou deixar um espaço nessa sequência para a contra-argumentação, com o movimento dialógico sustentado na nova tese, já que a mesma pode ser reformulada tanto no início como no final, a depender de como os argumentos sustentados estão organizados no decorrer da sequência.

Nesse sentido, o primeiro texto selecionado (Fragmento 01) diz respeito ao comportamento de alguns alunos em ambientes acadêmicos. O locutor utiliza um espaço no *Facebook* que é restrito ao grupo de alunos e funcionários de uma universidade para demonstrar sua insatisfação e sua revolta diante de certas circunstâncias.

Fragmento textual 01 – Comportamento em ambientes acadêmicos

A screenshot of a Facebook post. The top part of the post is redacted with a white box. The main text of the post is visible and reads: "Que dia será que os alunos da [redacted] terão consciência que os CORREDORES não são locais de CONVIVÊNCIA ? O CORREDOR foi feito para se ter acesso às salas de aulas e não para funcionar como PONTO DE ENCONTRO ou dinâmicas de RODAS DE CONVERSAS, GRITOS, GARGALHADAS, FILMES E MÚSICAS em celulares. O corredor da medicina veterinária, esta semana parecia a praça Dominginhos em dia de abertura de FIG....Quase todos os dias estive em sala de aula a partir das 7:30 da manhã, no entanto, alguns docentes não chegam às 07:30, o apoio didático não abre as 07:30, os alunos não tem educação e respeito pelos demais colegas e professores que já iniciaram as aulas. Fico indignado com a falta de responsabilidade e de compromisso com o trabalho de alguns e com a falta de respeito e de educação de outros. Que qualidade de ensino queremos ? Onde iremos chegar e o que estamos formando ? Uns fingem que ensinam, outros fingem que aprendem e enquanto isso a humanidade caminha em busca de não sei o quê ! Compromisso, Responsabilidade e Educação, é coisa rara hoje em dia e na prática vemos isso diariamente.....Ah, se fosse uma Universidade privada, ah se fosse na época do militarismo... Enquanto eu estiver no meu direito de exigir silêncio e ordem nos CORREDORES, vou lutar por isso. Você procura a coordenação para solicitar auxílio e o coordenador manda você fechar a porta, como todos os outros docentes. Qual o problema em dar a aula de portas abertas, se a sala é abafada, ensolarada e as janelas precisam ser fechadas ? Vamos trabalhar na estufa e no barulho até quando ? Fica a indignação com a administração e a gestão universitária !"

Fonte: Site Facebook

Em se tratando dos níveis propostos por Adam (2011), observamos os dois níveis bem estruturados. Logo no início de sua produção, o usuário levanta uma questão e a partir da pergunta desenvolve seu texto mostrando sua experiência em relação ao assunto, apontando os conhecimentos por ele colocados.

Quando escreve que “O CORREDOR foi feito para ter acesso às salas e não para funcionar como PONTO DE ENCONTRO ou dinâmicas de RODAS DE CONVERSAS, GRITOS, GARGALHADAS, FILMES E MÚSICAS em celulares.”, o autor coloca em cena o que ele pensa e qual é a sua visão diante dos fatos. Mais adiante, o autor fala de sua experiência diante da situação e, mais uma vez, deixa à mostra os seus posicionamentos.

Observamos que as partes iniciais do texto configuram um exemplo do nível justificativo (P.arg 1 + P.arg 2 + P.arg 3), uma vez que o autor expõe sua opinião, se coloca diante dos fatos e só depois disso começa sua contra-argumentação: “Quase todos os dias estive em sala de aula a partir das 7:30 da manhã, no entanto, alguns docentes não chegam às 07:30, o apoio didático não abre às 07:30, os alunos não tem educação e respeito pelos demais colegas e professores que já iniciaram as aulas.”

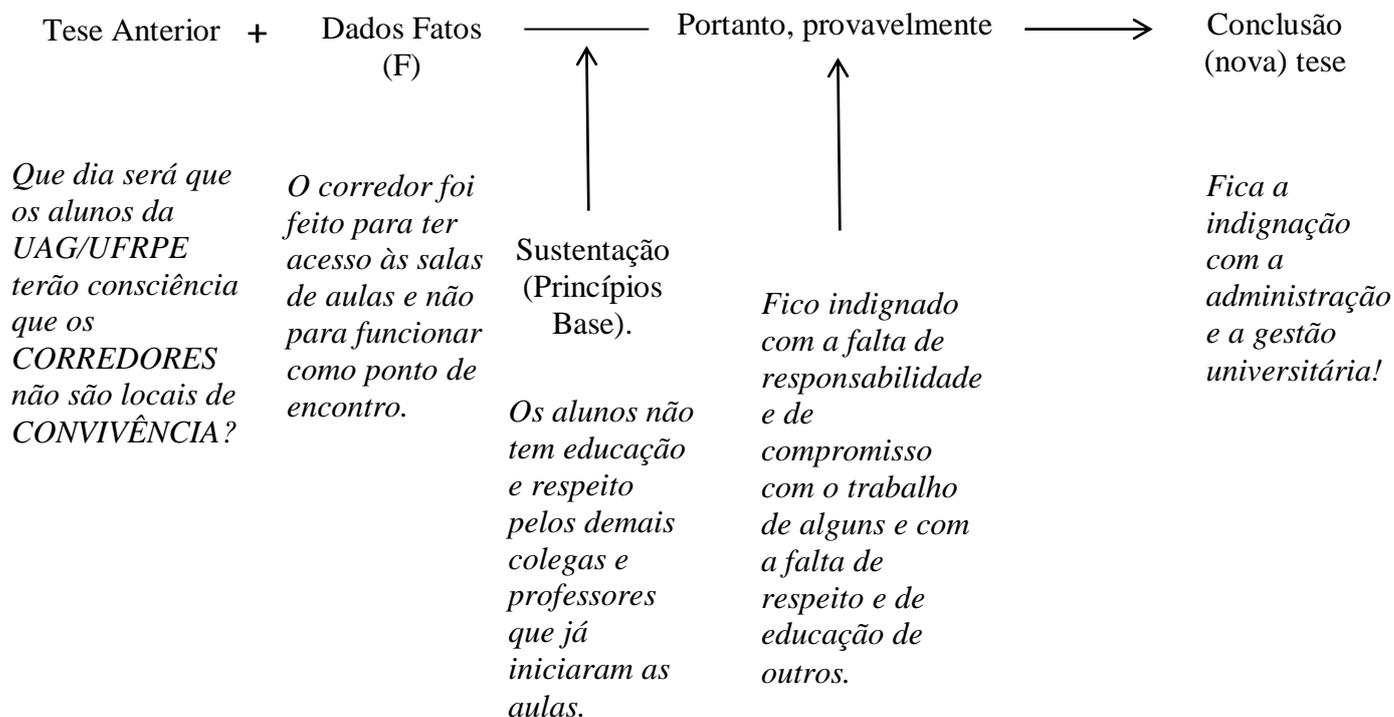
Nesse texto, a dialogicidade dos argumentos está expressa na maneira como o autor esboça a postura de alguns alunos e como ele se mostra indignado diante disso. Quando o autor escreve “Fico indignado com a falta de responsabilidade e de compromisso com o trabalho de alguns e com a falta de respeito e de educação de outros,” fica clara a posição contra-argumentativa dentro do que acredita ser a postura ideal e da postura que o autor condena. Portanto, mesmo que seu texto não contenha expressões visíveis de posturas adequadas, é notório o que ele considera ser o certo e o errado. É nesse ponto que ele dialoga com um contra-argumentador potencial e deixa mais clara a sua visão diante dos fatos.

Nesse nível, os argumentos são reunidos entre os argumentos (P.arg 0 e P.arg 4). Para Adam (2011), esse é o momento de utilizar as estratégias de argumentação para a transformação dos conhecimentos, mas ao contrário do que observamos nesse texto, as estratégias estão mobilizadas para modificar o ambiente em que o autor desferiu as críticas. A argumentação não é negociada, pelo contrário, todo o texto é construído para demonstrar que o locutor está certo e não há outra maneira de resolver o problema, a não ser que instâncias maiores (administração e gestão universitária) tomem as providências mais convenientes ao professor.

Nesse exemplo, não verificamos a utilização dos conectores argumentativos que justifiquem o porquê de uma argumentação ser dialógica ou não. Entretanto, é pela construção do texto e pela disposição dos argumentos que entendemos a posição de cada um na sequência argumentativa.

Baseados nos argumentos desenvolvidos nesse texto, destacaremos agora a sequência argumentativa para caracterizar esse texto quanto à estrutura e organização proposta.

Esquema 02 – Exemplificação da sequência argumentativa proposta por Adam (2011).



3.1. Análises dos conectores argumentativos presentes nos textos

Como já expusemos antes, os conectores argumentativos compreendem uma parte dos estudos de Adam (2011) utilizados para segmentação e orientação enunciativa. Em sua teoria, Adam expôs três formas de conectores que organizam e reagrupam as conjunções. De maneira geral, há três tipos: os conectores argumentativos, os marcadores e organizadores textuais e os marcadores de responsabilidade enunciativa.

No que se refere especialmente aos conectores argumentativos, encontramos quatro grandes divisões apresentadas anteriormente e cada conector está relacionado a um valor enunciativo específico. Isto é, se o autor usa o conector **portanto**, ele está indicando uma conclusão, se, por outro lado, ele utiliza o conector

mas, ele está contra-argumentando. Por isso, cada conector está associado a uma orientação valorativa e enunciativa dentro do texto.

A categoria aqui destacada é do conector argumentativo marcador de um argumento, e, nesta pesquisa, percebemos uma distribuição razoável dos principais conectores utilizados no texto, sendo **pois** o mais utilizado e **afinal** o menos utilizado nos textos selecionados para as análises, como é possível observar no gráfico abaixo:

Gráfico 01² – Conectores com valor de justificação e explicação



Fonte: elaborado pelos autores

Nessa classe de conectores, Adam (2011) amplia a carga semântica dos conectores em duas categorias, pois eles podem assumir tanto o valor de justificação como de uma explicação, ou seja, o conector tem a função de detalhar e explicitar melhor os seus argumentos.

Diante do que foi discutido, faremos agora nossas considerações finais acerca do assunto explanado.

² Como mencionado anteriormente, os gráficos levam em consideração todos os textos exemplificados ou não neste artigo, representando o *corpus* total de 75 textos.

4. Considerações finais

O estudo das linguagens em suportes digitais tornou-se cada vez mais recorrente no meio acadêmico entre pesquisadores que entendem e reconhecem a importância atribuída a esses elementos no contexto atual.

Ao observarmos com mais cuidado esse o site de redes sociais *Facebook*, percebemos que temos nas mãos não só uma ferramenta de lazer, interação e comunicação com nossos amigos, mas uma ferramenta de militância, de persuasão, de luta e de debates sociais. Pois, com o *Facebook*, nos é ofertada a possibilidade de ativismo online. Dahlgren (2005), fala disso ao argumentar que a internet vem modificando as formas de inserção política e é via *Facebook* que encontramos as mais diversas maneiras de prática social, cidadã e política.

Portanto, neste trabalho, pudemos perceber que os textos produzidos nesse site de rede social alcançam uma nova possibilidade. Os comentários cada vez mais argumentados e fundamentados não são repetitivos e não concordam ingenuamente com esse ou aquele usuário. Percebemos que a criticidade é uma marca presente dessa nova geração de internautas, e, por isso, muitas vezes concordar ou discordar de alguém leva as produções textuais muito bem elaboradas e desprendidas de simples “achismos”. Atrelado a isso, quanto à construção dos argumentos, foi possível notar a preocupação dos usuários em fundamentar seus textos e demarcar discursivamente o enunciado com o emprego dos conectores, que além de organizar os textos determinam a posição argumentativa do locutor.

5. Referências

ADAM, Jean Michel. **A linguística Textual**: Introdução à análise dos discursos; revisão técnica João Gomes da Silva Neto. 2. ed. Revista e aumentada – São Paulo: Cortez, 2011.

ADAM, Jean Michel. **Análises textuais e discursivas**: metodologia e aplicações/ Jean-Michel Adam, Ute Heidmann, Dominique Maingueneau; Maria das Graças Soares, João Gomes da Silva Neto, Luis Passeggi (Organizadores). – São Paulo, Cortez, 2010.

BONA, A.S.D.; FAGUNDES, L.C; BASSO, M.V.A. **Facebook**: um espaço de aprendizagem digital cooperativo de Matemática. *In*: Revista Tema, v. 10, n. 1, 2013. Disponível em: <<http://revistathema.ifsul.edu.br/index.php/thema/article/download/124/100>> Acesso em 26 de outubro de 2014.

BRESCIA, Amanda Tomonelli. **Redes Sociais e Educação**: o Facebook e suas possibilidades pedagógicas. Dissertação de Mestrado – Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2013. 116 f.

DAHLGREN, Peter. **The Internet, Public Spheres, and Political Communication: Dispersion and Deliberation**. 2005. Disponível em: <http://courses.washington.edu/insc555/wordpress/wpcontent/readings/Dahlgren_2005.pdf> Acesso em 18 de outubro de 2014.

RECUERO, Raquel. **Redes sociais na internet**. – Porto Alegre: Sulina, 2009. (Coleção Cibercultura).

MARCON, Karina. **Redes sociais e arquiteturas pedagógicas**: uma experiência no Facebook. Porto Alegre, 2012. Disponível em: <http://karinamarcon.pbworks.com/w/file/fetch/49912864/Trabalho_Final_Arquiteturas_Pedag%C3%B3gicas_Karina_Marcon.pdf> Acesso em 18 de setembro de 2014.

Site de rede social utilizado

FACEBOOK. Disponível em: < <https://www.facebook.com/>>.

G1. Disponível em: < <http://g1.globo.com/revolta-arabe/noticia/2013/07/entenda- crise-politica-no-egito.html>> Acesso em: 12 de fevereiro de 2014.